COSMO/ CHÃO

Francisco Brennand +
Advânio Lessa, Aislan Pankararu, Castiel Vitorino Brasileiro, Celeida Tostes, Ceramistas de Itamatatiua, Christina Machado, Conceição dos Bugres, Cristiano Lenhardt, davi de jesus do nascimento, Josi, Mestre Guarany, Solange Pessoa, Thiago Martins de Melo, Tiago Amorim.

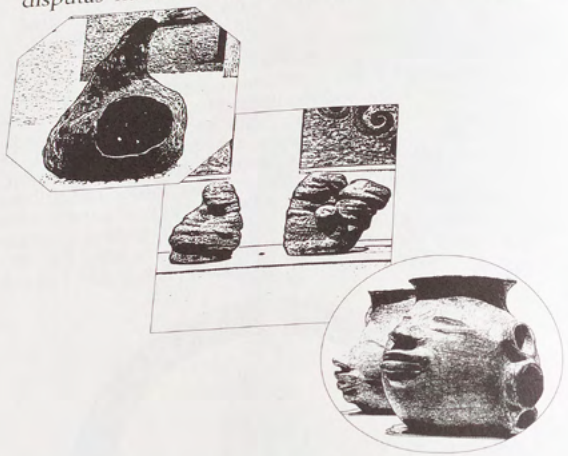
COSMO/CHÃO

COSMO/
CHÃO é o céu que bate
na terra e a terra que nos conecta
com o céu. É o arco, a equivalência e o
reflexo de uma coisa na outra. É o que está
embaixo, assim como o que está em cima. É o
firmamento, o solo, os círculos e os fios de ligação.
Pensada a partir de diálogos entre a obra
de Francisco Brennand e as de outros artistas, a
exposição faz uma costura de dois fundamentos
de seu trabalho. O primeiro é a prática escultórica
no campo expandido — que não se limita às figuras
contidas em pedestais e nem mesmo à objetualidade.
O segundo é o conceito de território, levando em
conta dinâmicas que agregam e organizam a vivência
geográfica, bem como vínculos sociais e espirituais que
vão além do terreno e atravessam diferentes dimensões.

A prática da escultura, historicamente ligada às tradições clássicas e suas concepções de forma, espaço e monumentalidade, tem sido repensada e ampliada em sua definição e seu escopo de atuação, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Das figuras cotidianas e formas espirituais de inúmeras culturas milenares até as estátuas de mármore e bronze da Antiguidade Greco-Romana, a escultura sempre foi uma ferramenta de mediação entre o tangível e o imaginado. Entretanto, no rasgo aberto pela Modernidade, e em especial nas revisões críticas e experimentais feitas pelas práticas contemporâneas, sua função e materialidade passaram por rupturas profundas. Movimentos artísticos começaram a interrogar os limites do objeto, transcendendo o corpo físico em direção a um campo no qual a escultura dialoga com o tempo, o entorno e o corpo do espectador. Essa redefinição envolve, ainda, novos entendimentos sobre as práticas ancestrais, em que o fazer escultórico emerge como um processo simbólico e também utilitário, vinculado tanto ao cotidiano quanto às forças invisíveis do mundo. Hoje, a escultura pode ser vista como uma forma de pensamento, uma estrutura que incorpora conceitos, narrativas, rituais e relações e desafia os limites tradicionais da arte, propondo novas formas de ser e estar no mundo.

A ideia de território, compreendida de modo mais restrito como uma delimitação geopolítica, é também

u m a
construção cultural.
O território é, portanto, onde
se desenvolvem os modos de vida,
as formas de organização coletiva, os
laços com a natureza e a espiritualidade.
Um circuito de forças que opera nos níveis do
imaginário e do transcendental, configurando-
se não apenas pela ocupação física, mas por
energias ancestrais e sistemas simbólicos. Um lugar
de partilha em que diferentes potencialidades e
disputas narrativas se encontram e se reconfiguram.



Desse modo, o território não deve ser entendido apenas como o solo sobre o qual se pisa, e sim como o espaço

C O S M O

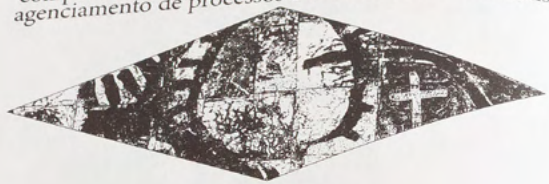
q u e
aterra identidades,
afetos, sonhos e projetos
comuns. As coreografias
comunitárias que nele se manifestam são
moldadas por experiências de imaginação,
conectando o tangível ao intangível, o presente
ao passado e ao futuro, a terra ao cosmos.
Nesse enlace, o projeto reúne artistas de
diversos contextos, técnicas e poéticas para abordar
a escultura como exercício de conexão territorial.

C H Ã O

A prática escultórica surge, portanto, para falar não só do corpo material, físico, mas também dele como significante identitário, em suas dimensões espaciais ou

etéreas.

Assim, podemos pensar em pelo menos três chaves de compreensão — que muitas vezes se justapõem — para nos aproximar das obras reunidas. Há as práticas coletivas, permeadas por trabalhos intrínsecos às comunidades e aos grupos em que são feitos. Essas obras são resultados e conduítes das tradições e saberes compartilhados, sobretudo pensando a escultura como agenciamento de processos e autorias não individuais.



Depois, as práticas contextuais, que estão implicadas com os lugares, suas histórias, culturas e materialidades,

C O S M O

C H Ã O

e que elaboram a realidade refletindo ou agindo diretamente no meio em que estão inseridas. E, por fim, emergem as práticas fabulares, das quais se originam obras que incorporam ou representam ideias, visões e imaginações de mundos, e nas quais o potencial narrativo da escultura é acionado para ficcionalizar, dar sentido e materializar outros espaços e histórias.

COSMO/CHÃO cria uma ideia — tão definida quanto aberta — para evocar os mistérios do solo que conecta os seres e que confere a eles pertencimento; para falar dos emaranhados da arena relacional; e para aspirar ao que transcende o plano físico, abraçando o imaterial. COSMO/CHÃO é a ideia que desce para tomar forma terrena; e é o chão que sobe, ganhando corpo. É o infinito num punhado de terra. É a incorporação do todo em um contorno.

Germano Dushá
Gleyce Kelly Heitor
Curadores

“Finita, passageira, efêmera,
não consigo imaginar o infinito.
Se para a ciência é possível
mensurar distâncias cósmicas,
para mim, elas continuam
ininteligíveis, impensáveis. Sem
tentar decifrar um só enigma,
mesmo o mais fácil, ao olhar
para o céu estrelado tento só
admirar a beleza, recolhida na
minha frágil pequenez...”

MANITU

E

OUTRAS COSMOGONIAS

Marlene Almeida

Sempre posso me perder,
confundir espaços, páginas
ou sequências de tempo,
principalmente quando o
horizonte, mesmo o mais
longínquo, rasga-se para o
universo e seus mistérios. Do
chão ao cosmo ou do cosmo
ao chão?

No chão, a borda afiada dos
extremos não é campo seguro.
Escolho então começar esta
história do começo. Do primeiro
lugar, dos primeiros caminhos.
De um território ou de um sítio
muito antigo.

Partir de um tempo em que
me entregava à volúpia de um
céu cintilante, refletido nos
fogos de artifício das festas
juninas na Serra da Borborema,
e às estrelinhas, que meu pai
acendia com a chama de alguma
brasa da fogueira de São João.
Erguendo o braço, ele segurava
bem alto as pequenas trouxas
de pólvora embaladas com papel
de seda colorido, fingindo ser
o dono do cosmo ou o mítico
titã Astreu, na sua forma mais
terna. Enquanto todos ao redor
ouviam músicas entre o pipocar
de rojões e os estampidos
quase insuportáveis, eu
sequer reclamava da fumaça da
queima dos fogos e dos paus da
fogueira. Mesmo lacrimejando,
permanecia horas olhando
a chuva mágica de pingos de
luz. Acreditava, então, num
universo infinito, contido
naquele cantinho escuro de
terraço. Nem via chão, só
cosmo, ou microcosmo.

Talvez o claro no
escuro, ou o escuro no
claro, a contraposição ou a
complementação, fosse realmente
a causa do meu pequeno deleite
cósmico. Afinal, “O obscuro
e o claro se pertencem numa

meus avós, localizada a alguns quilômetros, no arruado de Pilões, ligado à pequena Manitu por uma estreita estradinha de barro.

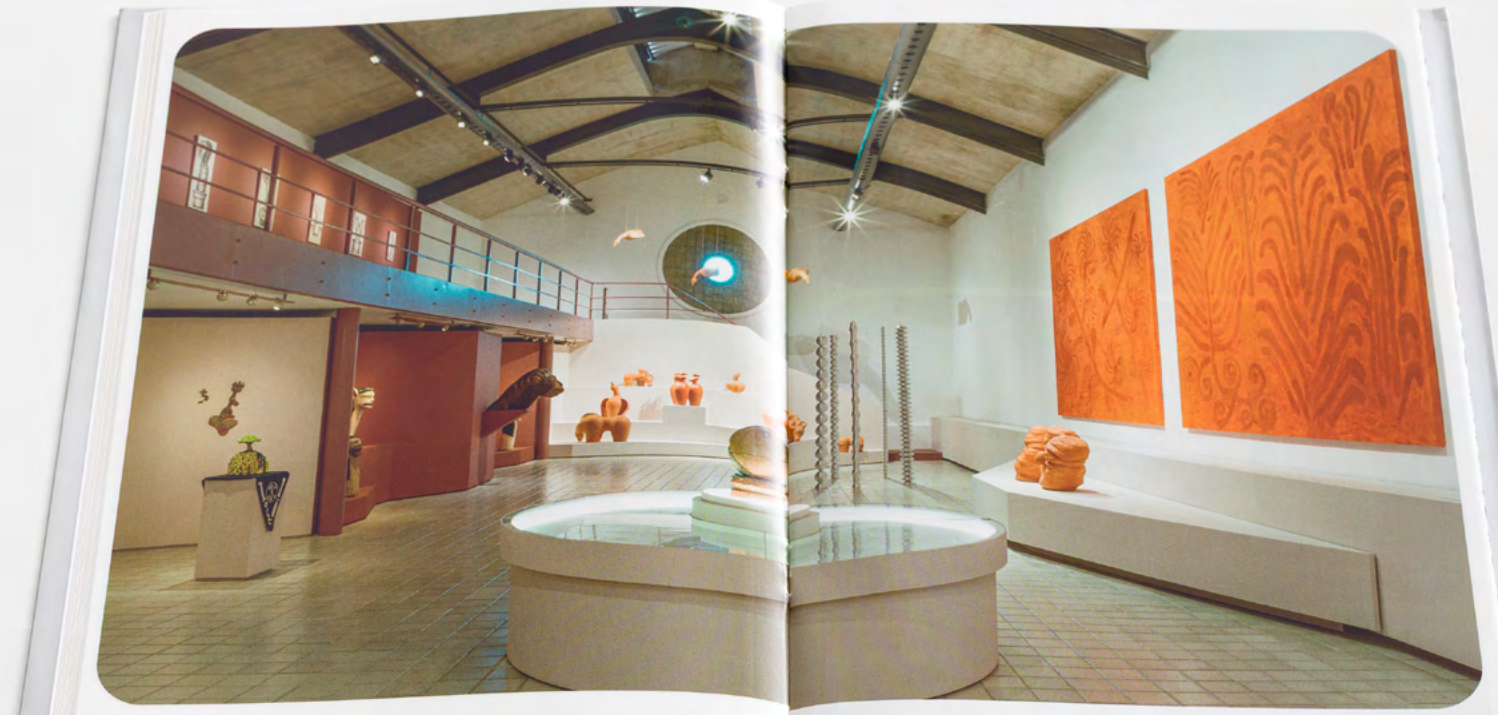
Na juventude, como aluna da Faculdade de Filosofia, dediquei-me ao estudo da Cosmologia, que, naquela época (década de 1960), era uma das disciplinas básicas da grade curricular do curso. Pode parecer contraditório, mas, durante alguns anos, pouco me interessei pelo céu, certamente pelo significado religioso da palavra. Desprezei as luzes longínquas e as estrelas para me dedicar aos referenciais teóricos indicados pelos professores da Fafi, como chamávamos carinhosamente a faculdade. O cosmo estava então restrito às salas de aula e ao estudo dos antigos pensadores, principalmente os pré-socráticos e suas teorias sobre a origem e organização do universo. Com esses primeiros cosmólogos, o conhecimento saiu dos contos mitológicos para a própria natureza. Suas teses, embora diversas, e muitas vezes contraditórias, contribuíram para a formulação da filosofia e ciência ocidentais. Dos primeiros filósofos, foi Heráclito de Éfeso que me entusiasmou, não só pela sua teoria sobre a origem do universo, mas, principalmente, pelos ensinamentos sobre nossa contínua transformação e impermanência. Embora Heráclito não tenha deixado livros, é impressionante como seu legado filosófico, transmitido por discípulos e outros sábios da época, permaneceu, contornando milênios e sendo atualmente ainda difundido e revisto por

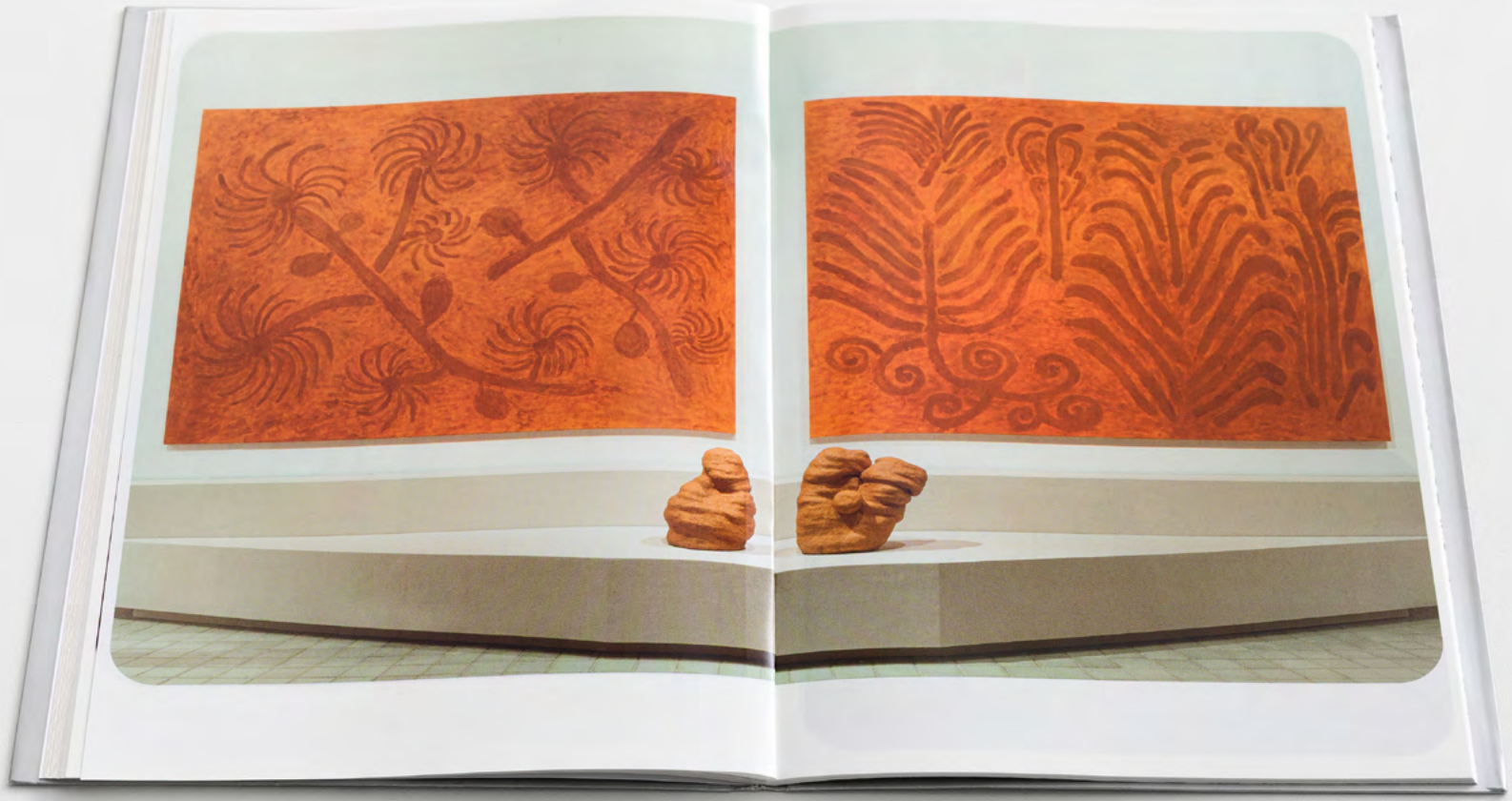
todo o mundo ocidental. Um dos fragmentos mais impressionantes de suas teorias, por resumir quase tudo numa frase simples, tornou-se tão comum que é conhecido e repassado por acadêmicos ou leigos. Às vezes, nos locais mais insólitos e contextos aparentemente mais esdrúxulos, ouvimos que é *impossível banhar-se duas vezes no mesmo rio*.

Pode parecer estranho, mas foi a dialética de Heráclito que escolhi como método de pensamento, o que me assentou no outro lado desta história, no chão, no solo, na Terra/terra. Mesmo porque a cosmologia saiu dos meus campos de entendimento e passou para os complexos domínios da Astronomia ou da Astrofísica modernas. A cosmologia, ou mesmo a cosmogonia com toda sua poesia e força mítica, pode se transformar então em *cosmo-agonia*. Como calcular distâncias com uma unidade de comprimento tão estranha como anos-luz? Quantos anos-luz daqui até Manitu? Como imaginar um buraco negro, uma ausência e presença, uma cor sem cor, uma

sem limites, da paisagem real. As expedições, programadas com base em métodos mais técnicos, mas com fugas para os desejos e sonhos, transformaram-se numa parte essencial do processo de pesquisa e produção de cores e obras. A paixão pela paisagem natural cresceu com as descobertas de novos caminhos que levaram a formas diferentes e miríades de cores e tons, mas também pela percepção de que, mesmo frágil, conseguia subir encostas íngremes, atravessar fendas profundas, pular atoleiros.

A alquimia, que se limitava às trevas dos espaços proibidos, foi sendo então possível nos outros, nos libertos, nos naturais, nos subversivos. Tanto misturou matéria e cor, formas e cheiros que, muitas vezes, a pintura ou a escultura retornam ao seu local de origem, sendo então factível uma paisagem na paisagem, uma ficção na realidade, um bolo de argila feito gente de cerâmica em cima de estacas a guardar um museu de arte. E no campo mágico que o rodeia, entre milhares de estranhos seres (ou devenires), outras histórias podem ser construídas com pedaços de chão de planícies, serras, chapadas, encostas, serrotes, tabuleiros, planaltos, areais, caldeirões, vales, maciços, falésias ou várzeas.





Lista de obras com ficha técnica completa na pg. 48

01

02

03

04

05

06

07

08

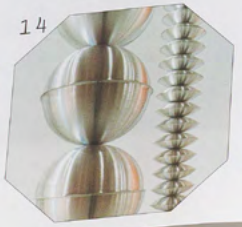
09

10

11

12

13


14

15

16

17

18

CASTIEL VITORINO BRASILEIRO

Castiel Vitorino Brasileiro é uma artista, escritora e psicóloga cujo trabalho articula dimensões de cura e reterritorialização do corpo e dos espaços que ele habita. Sua prática artística, enraizada nas matrizes espirituais Bantu e nas culturas diaspóricas negras do Brasil, envolve performance, ritual, vídeo, fotografia, texto, escultura, instalação, pintura e desenho. Em suas obras, os elementos naturais, a fauna, a flora e o ser humano surgem num intrínseco enlace ecológico e espiritual, dando a ver relações interespécies e hibridismos radicais. A terra, a matéria orgânica e os materiais recolhidos em territórios de profunda significância são combinados a um rico campo semântico e simbólico, dando vazão a formas livres, de temporalidade expandida, como talismãs que diluem falsas dicotomias e conectam dimensões terrenas e cósmicas. Suas imagens, objetos e espaços — magnéticos e eletrizantes — dão contornos a processos de transição e novas corporificações ligadas a estados indizíveis da alma, que escapam à linguagem conhecida. Ao tensionar as fronteiras entre espírito, corpo, gênero e raça, Castiel Vitorino Brasileiro exercita caminhos para driblar as estruturas opressivas que buscam imobilizar a fluidez das experiências vitais, num sopro existencial que abraça a transmutação como desígnio incontornável.

Vitória, ES, 1996

CELEIDA TOSTES

Reconhecida principalmente por suas esculturas em cerâmica, Celeida Tostes iniciou sua trajetória nas artes visuais nos anos 1960, formando-se em pintura pela Escola Nacional de Belas Artes. Seu trabalho é marcado por uma profunda conexão com a terra, investigando temas relacionados à ancestralidade, aos ciclos da vida e ao diálogo entre o corpo feminino e a natureza. A artista também foi uma professora influente na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e, no começo da década de 1980, iniciou um importante trabalho de base territorial com a comunidade do Morro do Chapéu Mangueira, assumindo a coordenação do projeto Formação de Centros de Cerâmica Utilitária nas Comunidades de Periferia Urbana do Rio de Janeiro. Nesse projeto, ela instruiu grupos de residentes da comunidade no manuseio do barro local e na criação a partir dele. Por meio da escultura e da performance, Celeida Tostes uniu, com rara argúcia, o barro, o corpo e o espírito. Desse modo, trabalhou o mistério da corporificação, as formas plurais de manifestação da vida, as profundas conexões do corpo com o chão que habita e a eterna maquinação entre fertilidade, nascimento, morte e renascimento.

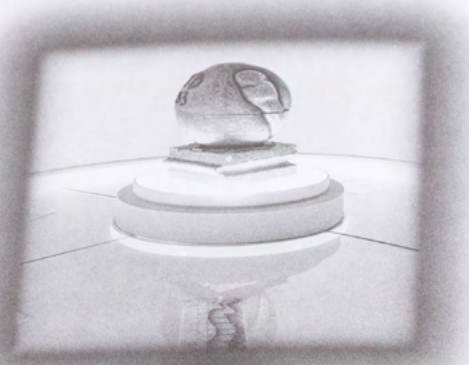
Rio de Janeiro, RJ, 1929 – 1995

CHAOSMOS

COSMO/CHÃO
EXPOSIÇÃO
REALIZAÇÃO
Oficina Francisco Brennand
CURADORIA
Germano Dushá, Gleyce Kelly Heitor
COORDENAÇÃO GERAL
Silvia Mindêlo
COORDENAÇÃO EXECUTIVA E DE PRODUÇÃO
Adah Lisboa
PROJETO EXPOGRÁFICO
Alberto Rheingantz
PROJETO DE ILUMINAÇÃO
Farol Ateliê da Luz
[João Guilherme de Paula]
PROJETO GRÁFICO
Raul Luna
COORDENAÇÃO DE MUSEOLOGIA
Daniela Maria Santos
COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO
Julio Cavani
COORDENAÇÃO DE ACESSIBILIDADE
Carlos Lima
MONTAGEM
GF Montagens
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Natasha Santiago
ASSISTENTE DE MONTAGEM
EXPOGRÁFICA
Carla Gama
EXECUÇÃO PROJETO EXPOGRÁFICO
Marcenaria São José [Francisco dos Santos, Elton Lucas Lobato, Felipe dos Santos, Juarez Rodrigues, Michel Arruda, Romero Santana], Indio, Anderson de Santana, Edinaldo Soteiro, Itamar de Santana, Mandel Alves, Rinaldo de Freitas, Rodolfo de Medeiros, Isaías Timóteo
TÉCNICOS DE ILUMINAÇÃO
Amanda Barbosa, Kleniton de Araújo, André Xavier, Aluízio Soares
ELETRICISTA
Josélio da Silva
TÉCNICO DE EQUIPAMENTOS
Charles Silva
MOLDURAS
Gerson Vitor
MUSEOGRAFIA E CONSERVAÇÃO
Camila Maria Santos Martinez Teixeira, André Luiz Romão, Elaine S. do Ó, Elizângela Pedroso, Léo de Andrade, Nathalya Sena, Polly Cavalcanti, Yasmin Pereira
COURIER E LAUDOS
Ana Paula Lobo, Ana Motta, Camila Maria Santos, Elaine S. do Ó, Elizângela Pedroso, Marcelle Nascimento, Polly Cavalcanti
TEXTOS E VERBETES
Germano Dushá, Gleyce Kelly Heitor
LEGENDAS
Camila Maria Santos, Nathalya Sena, Yasmin Pereira
INTERLOCUÇÃO CURATORIAL
Ariana Nuala
INTERLOCUÇÃO INSTITUCIONAL
Camila Maria Santos, Rita Vênus
PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS
Boneca Lab
TRADUÇÃO
Nathalie Bremer, Yasmin Pereira
SINALIZAÇÃO
Uzzign
EDUCAÇÃO
Carlos Henrique, Jamille Barros, Felipe Santana, Juane Bráuna, Mariana Souza, Maria Cecília Villanova, Isle
ACESSIBILIDADE
Com Acessibilidade Comunicacional
Liliana Tavares (audiodescrição e narração), Michelle Atheitos (consultoria), Carlos de Oliveira (tradução e interpretação de Libras), Leo Alfinete (edição)
ASSESSORIA DE IMPRENSA
Dupla Comunicação
TRANSPORTE
Millenium Transportes
SEGURO
Ezze Seguros
GALERIAS E INSTITUIÇÕES PARCEIRAS
Almeida & Dale Galeria de Arte, Almeida Estação, Galeria Marco Zero, Galeria Superfície, Comide&Co, Galeria Superfície, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Mendes Wood DM, Museu do Folclore Edson Carneiro
AGRADECIMENTOS
Aidar Barbosa, Alfio Lagnado, Amparo 80 Galeria de Arte, Associação de Ceramistas de Itamaratiua, Bernardo Carsalade, Caio Esgario, Camila Bertoldi, Carolina Tafarel, Cristina Yamamoto, David Nascimento, Edmar Pinto Costa, Edmilson da Silva, Elizabeth Pougy, Erica Schmatz, Fabio Frayha, Fabricia Ramos, Felipe Lacerda, Flávio Gervásio, Fortes D'Aloia & Gabriel, Gilson Plano, Giselli Gumiero, Helcir Roberto, Isadora Dubeux Ganem, Jessica Cinel, José Hesse, Jorge de Holanda, João Lucas Amorim, Laurindo Pontes, Letícia Rheingantz, Lola Lessa, Marco Antônio Mofa, Maria Cláudia Petrarca, Marcela Bergamin, Marcela Fleury, Marcelle Farias, Marieta Carsalade, Mariana Veluk, Mitre Galeria, Paulo Petrarca, Rafael Barros Gomes, Rafael Moraes, Rafael Sepatto, Renato Silva, Ricardo Ventura, Tiê Higashi, Yuri Lograd

PUBLICAÇÃO
REALIZAÇÃO
Oficina Francisco Brennand
CURADORIA E ORGANIZAÇÃO
Germano Dushá, Gleyce Kelly Heitor
COORDENAÇÃO EDITORIAL
Silvia Mindêlo, Rita Vênus
COORDENAÇÃO EXECUTIVA E DE PRODUÇÃO
Adah Lisboa
PROJETO GRÁFICO
Raul Luna
FOTOGRAFIAS
Fred Jordão, Ana Pigosso (pg. 7, 45, [img. 64]), EstudioEmObra (pg. 18, 46 [img. 94]), [img. 30], [img. 31], 47 [img. 30])
TRATAMENTO DE IMAGENS
EstudioEmObra
LEGENDAS DAS OBRAS
Camila Maria Santos, Elizângela Pedroso, Rita Vênus, Yasmin Pereira
PREPARAÇÃO E REVISÃO
Boneca Lab

OFICINA FRANCISCO BRENNAND
CONSELHO DELIBERATIVO
Francisco Brennand (Presidente — *in memoriam*)
Marianna Brennand (Presidente)
Carlos Eugênio Brennand, Duda Falcão, Fabio Carvalho, Fabio Fonyat, Flávio Góes, Francisco Curado, Frances Reynolds, Helena Severo de Souza Leão, Keyna Eleison, Lia Schwarcz, Marcelo Araújo, Maria Bologna, Maria da Conceição Brennand, Maria Helena Brennand, Paulo Vicelli, Silvio Meira, Teresa Brennand Oliveira
CONSELHO FISCAL
Brena Brito, Carlos Vivas, Mauro Araújo
PRESIDÊNCIA
Marcos Baptista Andrade
DIREÇÃO
Cristina Luna
GERÊNCIA ARTÍSTICA
Olivia Mindêlo
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO E PESQUISA
Jamille Barros
GERÊNCIA DE ACERVO E DOCUMENTAÇÃO
Marinez Teixeira
GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Aidar Barbosa
LEGADO ARTÍSTICO
Helcir Roberto de Almeida, José Mendes (*in memoriam*)
OLARIA E DECORAÇÃO
Alltom da Silva, Diego Negreiros, Eliane Gomes, Emerson dos Santos, Esdras Lucas da Silva, Gabriel Dias, Isaías Ferreira, Kayo Cardoso, Leonardo da Silva, Lucas Santana, Luís Carlos de Melo, Nilson dos Santos, Pedro de Santiago, Rafael Câmara, Raimundo Nonato, Sergio Vieira, Thiago Leonato, Tiago de Andrade
ASSISTÊNCIA DE CURADORIA
Rita Vênus
EDUCAÇÃO E PESQUISA
Whodson Silva (supervisor), Felipe Santana, Franci Castro, Iasmin Duarte, Leandro Dionísio, Maria Cecília Villanova, silo
MUSEOLOGIA
Polly Cavalcanti
ACERVO E DOCUMENTAÇÃO
Laura Rebeka Tavares de Souza, Léo de Andrade, Lidiane Lima, Thaysa Ferreira
COMERCIAL E BILHETERIA
Samira Alves (coordenadora), Adriana Gomes, Amanda Cassily, Ana Custódio, Ana Beatriz Martinez, Edvaldo Barbosa, Fernanda Araújo, Laura Nobre, Lucas Falcão, Thereza Cristina
OPERAÇÕES
Rodrigo Macêdo (coordenador), Adenilson de Lima, Alexandre de Oliveira, Antônio Régis, Cassiano Neto, Celio Silva, Charles Silva, Claudiane do Nascimento, Claudinez Bicerril, Cleyton da Silva, Cosme Pereira, Daniel da Cruz, Edilson Batista, Edmilson da Silva, Elias Ferreira, Eleno Dias, Fabio Gomes, Fernanda Castello, Flávio da Silva, Gildo José, Hosana Pereira, Isaías Timóteo, Jailson do Nascimento, Josélio da Silva, Maria Cristina dos Santos, Sandro de Souza, Severino Avelino da Silva, Silvio Joaquim da Silva, Suhany Santos
ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Vânia Campos (coordenadora), Cristiane Farias (secretária), Erick Soares (analista de planejamento), Julianne Maciel (departamento de pessoal), Olenda Pimentel, Severino Cordeiro, Yasmin Karoline
COMUNICAÇÃO
Eduardo Sena (gerente), Dupla Comunicação (assessoria de imprensa), Beatriz Tenório, Filipe Acs (designer)



ISBN 978-65-982322-3-8

C O S M O /
C H Ã O
é o céu que bate na terra e a terra que nos
conecta com o céu. É o arco, a equivalência
e o reflexo de uma coisa na outra. É o que está
embaixo, assim como o que está em cima. É o
firmamento, o solo, os círculos e os fios de ligação. (...)
Cosmo/Chão cria uma ideia — tão definida quanto aberta
— para evocar os mistérios do solo que conecta os seres e que
confere a eles pertencimento; para falar dos emaranhados da
arena relacional; e para aspirar ao que transcende o plano físico,
abraçando o imaterial. Cosmo/Chão é a ideia que desce para tomar
forma terrena; e é o chão que sobe, ganhando corpo. É o infinito
num punhado de terra. É a incorporação do todo em um contorno.
ISBN 978-65-982322-3-8
oficina
Francisco
Brennand
COSMO/CHÃO
ACADEMIA
OFICINA FRANCISCO BRENNAND
NOV 24 - SET 25
Curadoria
Cristiano Dusha & Gleyce Kelly Heitor